

# Protesto equivocado

*Comemorar o Dia Nacional de Luta pela Educação negando aula aos estudantes, como o fizeram ontem numerosos professores das redes pública e privada de ensino de Brasília, é paradoxo insustentável, que só pode produzir uma reação em pessoas sensatas: a de veemente condenação.*

*Foi essa a atitude do secretário de Educação do Distrito Federal, Antonio Ibañez, que mandou cortar o ponto dos professores públicos que não trabalharam para participar da manifestação da CUT contra a reforma da Constituição, proposta pelo governo Fernando Henrique.*

*Os números são implacáveis: nada menos que 500 mil alunos das redes pública e privada de ensino ficaram ontem sem aula em todo o Distrito Federal. Sabe-se das dificuldades salariais com que a categoria dos professores convive há anos e da legitimidade de sua ação corporativa, em defesa de melhores condições de trabalho. Não pode, no entanto, ser o aluno o alvo de seu protesto.*

*Ele, tal como o professor, é vítima da deteriorada estrutura de ensino do Estado e já vem sendo onerado há anos com sucessivas greves do magistério. A manifestação de ontem, a enésima promovida nas últimas semanas contra as reformas do governo Fernando Henrique, não justifica a gazeta profissional.*

*Não há uma razão clara e objetiva para a supressão das aulas. Participar de uma mani-*

*festação de protesto é direito constitucional, contra o qual ninguém pode se opor. Sabe-se, porém, que a cada direito corresponde um dever. E o dever elementar da cidadania é o cumprimento das obrigações profissionais, sobretudo quando se trata de profissões que, de maneira mais incisiva, interferem no metabolismo da sociedade.*

*Há anos, repete-se que a educação é a prioridade das prioridades do país. Sem ela, inútil conceber projetos desenvolvimentistas ou sonhar com a superação do subdesenvolvimento. Os professores sabem disso e têm exibido, ao longo destes anos de crise e recessão, admirável estoicismo na luta pela melhoria dos padrões de ensino. Erraram, porém, com a gazeta imposta ontem aos alunos do Distrito Federal, que, nada tendo a ver com as reformas de Fernando Henrique, acabaram pagando o pato da crise.*

*Está certo o secretário de Educação quando diz que apóia reivindicações em defesa da melhoria do ensino público. Ninguém de boa fé pode condená-las. O que aconteceu ontem, no entanto, foram duas coisas bem diferentes e conflitantes: um protesto contra a deterioração do ensino, embutido na manifestação contra as reformas, e uma contribuição efetiva à deterioração do ensino, expressa na supressão injustificada de um dia de aula a meio milhão de alunos.*